

ESCRITORES JUDEUS BRASILEIROS:
UM PERCURSO EM ANDAMENTO

POR

REGINA IGEL
University of Maryland, College Park

A presente síntese consiste no registro, exame e avaliação, do ponto de vista literário, de uma seleção de obras escritas por judeus nascidos ou radicados no Brasil, publicadas em português e versando tópicos judaicos, explicitamente assim identificados nos textos.

Na constituição da literatura judaica brasileira percebem-se dois períodos político-administrativos bastante diferentes quanto aos efeitos exercidos no domínio da escrita: o Colonial (1500-1822) e o Independente (de 1822 em diante). No primeiro período, sob domínio português, predominou a ausência de uma literatura judaica explícita, ainda que judeus cohabitassem o território colonizado pelos portugueses desde o princípio do estabelecimento lusitano na América. A eventual contribuição literária do povo mosaico aos quadros literários brasileiros é percebida não tanto pelos recursos textuais quanto pelas origens israelitas dos escritores, ainda que fossem remotas e aparecessem obliteradas nas suas obras. No segundo período, que corresponde à época nacional e independente de Portugal, a emergência da participação judaica explícita nas letras brasileiras deu-se principalmente depois da Segunda Guerra Mundial. A esta fase da evolução literária judaica no país, registram-se a predominância do tema *imigrante* e a recorrência da *memorialística*.

O exercício do direito de escrever a respeito de suas origens israelitas foi posto em prática no Brasil muito depois que os judeus se estabeleceram pela primeira vez no país, o que ocorreu juntamente com o domínio lusitano. De acordo com pesquisas, é possível que as caravelas de Pedro Álvares Cabral tenham trazido judeus a bordo, que se estabeleceram na nova terra desde o início da sua história (Mello, *Gente da*). Muitos deles seriam navegantes à sua revelia, do mesmo modo como, contra seu livre arbítrio, foram encastoados no cristianismo, uma religião estranha às suas tradições como judeus ibéricos.

Inaugurando os caminhos selváticos, costeiros e aquáticos nas terras indígenas, aquele contingente não deixou sinal literário de seus possíveis hábitos religiosos ou culturais que o ligassem ao judaísmo, qualquer que tivesse sido sua modalidade na época colonial. Tampouco há qualquer escrita de parte daqueles portugueses, diferenciados por seus patrícios como “cristãos-novos”, sobre o efeito que tenham sofrido depois da forçada mudança de religião. Praticamente arrancados de Portugal para as selvas brasilienses, aqueles homens não legaram nenhuma documentação literária, direta e explícita, que refletisse o convívio dos judeus, ou ex-judeus, no ambiente luso-brasileiro.

A ausência de tal escrita na época colonial não altera o fato de que alguns cristãos-novos, assim identificados por executivos da Inquisição, tenham sido poetas e escritores

inaugurais da literatura brasileira, como indicados por historiadores literários. Três homens de origem judaica, certamente um número diminuto em proporção à relação de cristãos-novos, destacaram-se nas letras do período colonial: Bento Teixeira (provavelmente nascido em 1561-1600), Ambrósio Fernandes Brandão (faltam datas precisas sobre seu nascimento e morte, mas calcula-se que tenha vivido entre 1550 até pelo menos 1618) e Antonio José da Silva, o Judeu (1705-1739).

A ausência de judeus manifestos nas letras coloniais luso-brasileiras encobre o fato de que, como observa Rubens Ricupero, no Prefácio a *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros*, “nenhum país das Américas teve, como o Brasil, começos tão intensamente marcados pela presença e ação do povo judeu. A afirmação surpreenderá quem pensa que o componente judaico na vida brasileira é recente, deste século, e de pouca consequência histórica” (Ricupero, “Prefacio”, XVII).

O alcance histórico da presença judaica nos primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil, indicado por Ricupero, é material de pesquisa e extensos estudos em outra área da cultura brasileira. No campo das letras, como as restrições impostas pela Inquisição impediram demonstrações de judaísmo em territórios da ocupação portuguesa, pouco se pode captar, em nível textual, do possível judaísmo acaçapado vivenciado pelos três escritores indicados. No entanto, ao longo dos méritos e deméritos literários dos seus escritos, esses autores estão registrados na história do país como pertencentes ao diminuto contingente de judeus luso-brasileiros que ergueram, ainda que com gesto quase imperceptível, as barreiras dos rigores inquisitoriais. Suas pegadas judaicas são, no entanto, extremamente leves e, por isto, podem ser vistas mais como resíduos de uma vivência cripto-judaica no país do que como monumentos literários ou documentais.

Até fins do século XIX, os judeus mantiveram-se à distância das costas brasileiras pelo receio imposto pelas sombras da Inquisição que, passados séculos depois de suas atividades, ainda amedrontavam descendentes de judeus e cristãos-novos. O afluxo de judeus foi-se estabilizando gradualmente ao longo dos primeiros anos no século XX, com as exceções impostas por leis anti-imigratórias, principalmente no período dominado por Getúlio Vargas (1930-1945) (Carneiro, *O anti-semitismo*). Depois deste longo período de congelamento imigratório, sucessivas ondas de expatriados, procedentes principalmente da Rússia, do leste e do centro da Europa vão compor as diversas comunidades judias no Brasil; são os chamados judeus asquenasitas, com uma representação literária expressiva de sua maioria numérica. Uma minoria, constituída de judeus sefaraditas, descendentes de ibéricos, provém de países do norte da África, como Marrocos, Egito e Argélia; em número mais restrito, estão os imigrantes judeus orientais, como se codificam os israelitas nascidos em países do Oriente Médio, como a Turquia, o Líbano e a Síria. Estes dois últimos grupos, à altura desta escrita, têm pouca representação no quadro literário judaico brasileiro, seja por sua esparsa demografia, seu isolamento geográfico ou data de chegada, visto que os sefaraditas se instalaram e se desenvolveram como comunidade, principalmente no Amazonas e no Pará, e os orientais são de entrada recente no país.

Uma vez ultrapassado o processo getulista anti-judaico, a permanência de judeus em várias regiões do território nacional proporcionou, em tempo hábil, a emergência de uma literatura tipificante, isto é, caracterizada pela projeção nas letras, de aspectos típicos da vivência judaica no Brasil. De fato, uma escrita em língua portuguesa de autores judeus no

Brasil cujas origens e cultivo do judaísmo encontrem-se abertamente declarados ou entremeados em seus textos vai inaugurar-se, quase anonimamente, em 1940, no Rio Grande do Sul.

Desde então, usufruindo de condições de vida diferentes das experimentadas por seus predecessores, os atuais escritores judeus que escrevem sobre temas ligados ao judaísmo integram-se na corrente literária brasileira nos quadrantes fundamentais da arte de narrar: a liberdade criativa, o cultivo da língua portuguesa, a procura de originalidade na elaboração da trama e a organização imagética.

Aparentemente, por falta de documentação visível que prove o contrário, a primeira manifestação literária contemporânea em língua portuguesa, de autor judeu versando tópico de identidade judaica e convivência no Brasil, deu-se com a publicação do romance *Numa clara manhã de abril*, de Marcos Iolovitch. Trata-se do primeiro trabalho sobre imigrantes judeus que, como biografia entrelaçada a elementos ficcionais, reflete as fases de adaptação de expatriados israelitas no Rio Grande do Sul, concentrando-se nos obstáculos e na miséria econômica de uma família deslocada do campo para a cidade.

Marcos Iolovitch (1907-1984), que passou para a ficção aspectos da sua própria vida, viveu nas colônias agrícolas até a adolescência, de onde mudou-se para Santa Maria, antes de estabelecer-se em Porto Alegre. Nessa cidade, formou-se em Direito, desenvolveu sua carreira, e chegou a publicar pequenos livros de poemas que permaneceram, como o romance, quase incógnitos pela grande maioria dos brasileiros, fossem judeus ou não. No Prefácio da republicação da biografia ficcionalizada, Moacyr Scliar reconheceu *Numa clara manhã de abril* como de qualidade literária “apreciável, mas que não se traduz em inovação formal ou arroubos de imaginação. Mas como valor documental, seu valor é inestimável” (Scliar, “Prefácio”, p.s.n.).

De fato, grande parte das obras em português de autores judeus, publicadas depois de 1940 no Brasil, com as exceções a serem notadas, resvalam entre ser de interesse documental ou de valor literário e, em certos casos exclusivos, podem abarcar ambos componentes. A maior parte delas foi escrita por pessoas sem ambições literárias, isto é, sem que se tivessem proposto uma elaboração das potencialidades da língua portuguesa ou de construções imagéticas que elevassem seus textos a uma colocação de destaque na literatura. A falta de empenho em ingressar ou permanecer nos quadros literários do país também faz-se evidente pelo número de livros publicados, que variam de um único a dois ou três livros para cada autor.

No entanto, suas obras, sejam únicas ou múltiplas, abrem dimensões que não devem passar despercebidas por estudiosos. Uma delas, como salientou Scliar, é seu valor documental, pois refletem os primeiros momentos da imigração judaica organizada ao Brasil. Essa começou em princípios do século XX, no Rio Grande do Sul, nas fazendas parcialmente subsidiadas pelo Barão Maurício von Hirsch (1831-1896). Judeu e bávaro de nascimento, o barão passou para a história como financista de visão, afamado por ter sido o esteio financeiro principal para a construção da linha férrea Expresso Oriente, na Europa, entre outros feitos de grande vulto. Suas atividades na filantropia social o levaram a oferecer sólidas oportunidades de mudança para os judeus imersos na pobreza e perseguidos pelo anti-semitismo europeu e russo, em fins do século XIX, deslocando-os para ambientes mais amenos na América do Sul. Através da organização *Jewish Colonization Association*,

reconhecida pelas siglas JCA e ICA, fundada por ele e outros, o nobre judeu financiou parcialmente a viagem transatlântica dos imigrantes e a compra de lotes de terra do governo brasileiro no sul do Brasil, após ter feito o mesmo em relação a terras no norte da Argentina. Como observa Haim Avni, “a absorção desses imigrantes ‘espontâneos’ dentro das primeiras colônias da Argentina, onde a preparação do terreno e da equipagem foi apressada e imperfeita, esteve repleta de dificuldades e decepções” (Avni 36). O mesmo se pode dizer das colônias estabelecidas no sul do Brasil, onde instalaram-se, em sucessivas ondas migratórias, judeus oriundos da região central e do leste europeus, da Rússia e de países vizinhos. Provindos de pequenas cidades onde exerciam profissões da época, como aguadeiros, sapateiros, ferreiros, alfaiates, farmacêuticos, barbeiros e mercadores, os judeus e suas famílias lançaram-se nos desconhecidos rincões gaúchos, orientados por técnicos em agronomia empregados pela ICA (Norman). Naqueles pagos campestres, cercados de indígenas semi-aculturados, gaúchos ainda não acostumados a estrangeiros e mestiços curiosos, os imigrantes deram início a uma trajetória única na história judaica do Brasil. Suas experiências anteriores não os tinham preparado para o que viriam a enfrentar nos campos agrestes do Rio Grande do Sul. Foi num ambiente de constante aprendizado, de falhas individuais e coletivas e de erros pessoais e administrativos, que se desenvolveu a vivência rural judaica brasileira. A respeito desse período e sobre as fazendas subvencionadas por Hirsch, principalmente Filipson e Quatro Irmãos, surgiu um número representativo de memórias e romances, descritivos do desenvolvimento dos esforços de adaptação efetuados pelos imigrantes e dos problemas relacionados à convivência dos judeus entre si e com os habitantes naturais da região sulina. Daí a importância documental desses escritos, entre os quais se salientarão alguns com valores em alto nível literário, mesmo que seus autores não tivessem essa intenção.

Frida Alexandr foi uma dessas autoras, que impregnou sua narrativa de construções metafóricas em meio a uma linguagem simples e fluente. Nascida em 1906 na família Schweidson, no Rio Grande do Sul, faleceu em 1972, em São Paulo. Sua única obra publicada foi *Filipson*, uma coletânea de 56 crônicas sobre a fazenda onde ela nasceu e viveu com a família e demais colonos. Baseando-se quase exclusivamente nas lembranças da ex-moradora da colônia Filipson, as narrativas revelam fases de adaptação da sua família e dos demais, diante dos vários problemas que assolaram as experiências agrícolas dos novos imigrantes. Os desafios enfrentados iam desde suas inabilidades com o solo, o gado grosso e a pastagem até os obstáculos típicos da região, como picadas de cobra e pragas nas plantações, numa extensa zona também habitada por índios e gaúchos mestiços, com os quais chegaram a fazer contatos somente depois de vencidas as desconfianças recíprocas. Ao longo dessas tribulações, a autora refere-se à tradição judaica preservada pela população da fazenda, constituída por lavradores, peões e tropeiros judeus e suas famílias. Recriaram seus vínculos judaicos a fim de adaptar-se às novas circunstâncias, como a ausência de sinagogas, escolas e bibliotecas, substituídas no início da vida campestre por salas de ensino, casa de orações e trocas de livros entre particulares. Os ciclos da vida judaica também foram respeitados a duras penas, segundo a memorialista, que se referiu a difíceis situações, como a necessidade da circuncisão nos varões nascidos nas fazendas. Esse requisito religioso não contava sempre com uma pessoa especializada na hora necessária e

era então preciso trazer o especialista de longe, localizado ou numa cidade pequena ou num outro agrupamento judaico campestre.

A narrativa em *Filipson* refere-se ao período compreendido entre 1905 até cerca de 1925, correspondente aos primeiros vinte anos da autora. Sua estrutura baseia-se num esquema mnemônico que a escritora assim identifica, no capítulo denominado “Jankel Chinder”:

Sacrilegamente, procuro arrancar as criaturas de suas tumbas, fazê-las reviver com todos os seus sofrimentos. Moldo-as, pouco a pouco, com os fragmentos que me saem da memória. Ponho-as em pé, faço-as movimentarem-se, impulsiono-as de acordo com as recordações que delas guardo, e na medida do possível, insuflou-lhes um sopro de vida. Percorro ao seu lado o árduo trajeto do passado e imprimo ao seu coração o mesmo ritmo sob o qual o meu próprio funciona (167).

As descrições caracterizam-se por um tom de oralidade, evidente pela escolha verbal disseminada por várias partes do enunciado e por sua tonalidade informal. Quando não servida por sua memória, a memorialista integra histórias contadas por outros e, assim, através do recolhimento de fragmentos da história oral documenta o período de formação da comunidade judaica rural. Isto se exemplifica pelo uso do verbo *contar* como apoio para as várias ocorrências não diretamente presenciadas por Frida: “Mãe contava-me que fora recebida com todo o carinho pelas freiras do hospital” (17); “Golde, a filha mais velha dos Averbach, contou-me que ...” (22), “Jacques, mais tarde, contou-nos que ...” (71). Também como parte de uma atmosfera de fluidez comunicativa que ela imprimiu à sua escrita, Alexandr dirige-se a um leitor imaginário, evidente pelas perguntas retóricas: “Já ouviram falar de Filipson?” (15), “Imaginem o desconforto desses infelizes” (15).

O valor de *Filipson* na trajetória da literatura brasileira judaica é múltiplo: por tratar-se do primeiro livro escrito em português exclusivamente sobre o ambiente rural dos imigrantes judeus, constitui um documento fundamental sobre um determinado período do judaísmo brasileiro. Além de seu aspecto de marco histórico, a obra também deve ocupar um lugar de relevo por tratar-se de uma narrativa construída dentro dos parâmetros da estética literária, organizada tematicamente, ambientando com felicidade literária retornos da memória a diversas etapas da vivência dos colonos em Filipson. Às informações disseminadas pelas narrativas, somam-se reflexões da memorialista, que incrementou, com uma fímbria poética, descrições do viver trivial no campo:

o nosso singelo riachinho. Corria anos a fio, cumprindo seu destino, matando a nossa sede, banhando os recém-nascidos, lavando as nossas feridas, o suor e lágrimas das decepções, e transformado no caldo dourado e perfumado na mesa dos sponsais (200).

A outra fazenda expoente na colheita de lembranças por seus ex-moradores foi Quatro Irmãos. Entre os que escreveram sobre suas próprias atividades e a de seus coetâneos naquela colônia agrícola no Rio Grande do Sul, destaca-se Adão Voloch, autor de *O Colono Judeu-Açu, Romance da Colônia Quatro Irmãos*. Nascido em Filipson em 1914, falecido no Rio de Janeiro em 1991, ainda em idade infantil ele e sua família se transferiram para a colônia

que focalizou na sua trilogia, constituída pelo romance assinalado acima, mais *Um gaúcho a pé* e *Nos horizontes do sol*, ambos surgidos em 1987. Mesclando elementos ficcionais e autobiográficos, Adão relata sua vida, de seus pais, irmãos e demais habitantes de Quatro Irmãos, desde sua infância até a adolescência, quando abandonou suas atividades de camponês para passar a viver em vários centros urbanos. “O colono judeu-açu” refere-se a Natálio Voloch, seu pai, assim chamado por um descendente de índios, para quem a melhor forma de homenagear seu vizinho judeu foi adicionar o qualificativo “açu”, termo tupi com o significado de “grande”. A figura singular do seu pai marcava-se por seus sonhos de aplicar nas terras da colônia seus ideais socialistas, comunistas e anarquistas, uma deliberada combinação de teorias que confundia seus conterrâneos. O autor o projeta como o idealizador de uma situação comunitária que integraria um sistema político-social que beneficiasse os judeus das fazendas e os inserisse no fluxo da vida brasileira. Incompreendido pela administração e pela maior parte dos moradores das fazendas, o velho Voloch se viu condenado ao isolamento social dentro dos próprios limites de Quatro Irmãos. Apesar de pertencerem a um patriarca sem seguidores imediatos, os planos de Natálio Voloch podem ser observados como uma tentativa de reforma social que precederam por muitos anos aquelas que foram incluídas na agenda do Partido Comunista Brasileiro ao qual seu filho, mais tarde, viria a afiliar-se.

Adão Voloch começou a escrever suas memórias depois de ter cumprido 70 anos. Sua escrita revela uma segmentação própria de lembranças nubladas pelo tempo, abrindo-se em quadros que são interrompidos para ser reatados em passagens temporalmente distantes das originais. Por ter a visão progressivamente deficiente, dependia de um número variado de pessoas que datilografassem seus originais, o que resultou em discrepâncias na grafia de nomes próprios, suspensão indevida de descrições e diálogos, além de pequenos deslizes na seqüência temporal da narrativa.

Apesar dos senões assinalados, esse romance de Voloch é relevante pelas descrições dos quadros típicos e atípicos da rotina na colônia, expondo o estilo de vida dos camponeses judeus, seus contatos e tensões com a população indígena e mesclada da localidade, bem como as preocupações com as transformações universais que ocorriam em princípios do século XX. Em *Um Gaúcho a Pé*, outro romance de relevo na sua obra memorialista, o autor faz referência às desigualdades sociais por ele observadas no decorrer de suas experiências urbanas (Voloch, *Um gaúcho a pé*). Em pequenas e grandes cidades do sul do país e, mais tarde, no Rio de Janeiro, ele teve vários ofícios, tendo sido operário, vendedor de livros, mensageiro entre células políticas, escritor de panfletos, organizador de greves, editor de jornais locais e revendedor de produtos e máquinas agrícolas. O acesso contínuo do autor a uma diversidade de ocupações nos centros urbanos, levou-o a entrosar-se ao operariado nas cidades fabris, orientando a trajetória do romance por um caminho repleto de reivindicações sociais. Esse aspecto da narrativa empresta um ângulo panfletário a certas passagens do seu discurso, afetando o balance literário da obra memorialista-ficcional. Feita também esta ressalva, *Um gaúcho a pé* ganha seu lugar especial na literatura judaica brasileira por revelar uma movimentação política de âmbito nacional e sua repercussão no espírito e nas ações de Artur Litvinoff, o protagonista que provavelmente refletia a *persona* Adão Voloch.

A projeção do Rio Grande do Sul na literatura judaica atingirá alto grau de reconhecimento público e crítico nas obras do gaúcho Moacyr Scliar. Nascido em Porto Alegre em 1937, travou conhecimento das vidas desenvolvidas nas fazendas experimentais do Barão Hirsch através de antigos colonos estabelecidos na capital do estado. Segundo entrevistas declaradas ao longo de sua carreira, Scliar cresceu entre histórias narradas pelos velhos ex-colonos, e muito mais tarde as amalgamou nas suas narrativas ficcionais: “Muitas das minhas histórias estão relacionadas às vidas dos primeiros judeus imigrantes no Rio Grande do Sul. Eu as ouvia desde que era menino quando minha família pegava em algumas cadeiras e se sentava na calçada, nas noites de verão” (Igel 113). Embora a maior parte de sua obra literária tenha cunho metropolitano, o campo sulino é constante nos seus romances, como parte integrante dos núcleos judaicos ou como saudoso pano de fundo de um passado não muito remoto para os imigrantes acomodados nas cidades.

Em *O centauro no jardim*, Scliar revela a existência de um ser mitológico universal, de identidade física ambivalente, como é natural aos centauros. Além dessa característica inconfundível, o equino mágico de Scliar teve de enfrentar-se com sua situação de judeu nascido numa das colônias do Barão Hirsch, de onde foi transferido, pela família, para a zona urbana. Seus conflitos de identidade apenas começam a aflorar quando ele se casa com uma centaura não-judia. Não se faz difícil uma leitura da personalidade do centauro judeu como uma conscientização de anomalia em comparação com os demais membros da sociedade. Nesse mesmo diapasão, ele também representaria uma busca da identidade judaica e autodefinição em esferas não-judaicas. Outras obras de Scliar revolvem assuntos relacionados aos judeus onde quer que se encontrem, incluindo-se complicadas versões e interpretações do judaísmo prático, incursões espirituais e a incessante busca de um caminho definidor. Nenhum escritor brasileiro judeu aproximou-se dessa temática com tanto vigor e perseverança, combinando temas de preocupação judaica multimilenar com estratégias literárias inovadoras. Desde *A Guerra no Bom Fim*, seu primeiro romance publicado, Moacyr Scliar trabalha com entrelaçamentos do supra-real com o real, sustentados por uma voz narrativa irônica e abrangendo situações burlescas, provocadoras de um humor leal às tradições judaicas de ridicularizar a si mesmo.

O tema central da maior parte das novelas e romances de Scliar, assim como os contos, é o posicionamento do judeu frente a si mesmo, aos correligionários e aos não-judeus. Desse múltiplo centro irradiam-se os entrecchos, as fabulações irônicas, trágicas e cômicas, urdiduras em paisagens locais e universais, onde se interpretam situações nacionais e transculturais. A obra de Scliar, objeto de estudos universitários e exames críticos em todos os países em que seus livros foram traduzidos, pode ser vista como uma recomposição do cosmo judaico no Brasil e, talvez, em qualquer parte onde o judeu se veja, se sinta ou esteja no exílio.

Esses mesmos elementos, o estar, ver-se e sentir-se exilado, vêm a constituir o tópico principal do romance *No Exílio*, de Elisa Lispector. Combinando memória e ficção, a autora recorda o transplante de uma família de fugitivos judeus da Rússia anti-semita para o Brasil. Autobiográfico em grande parte, o romance revela os percalços da família Lispector, sob

¹ Para uma leitura aprofundada da biografia de Clarice Lispector, onde também há referências mais completas sobre as mudanças de nomes no romance de Elisa Lispector, ver Gotlib, Nádia.

nomes fictícios tais como o da protagonista Lizza, alteração de Elisa e Pinkhas, o nome em ídiche de Pedro Lispector, pai da autora e de Clarice Lispector.¹ Outros aspectos da vida da família de imigrantes, relatados nessa única obra reveladora das raízes judaicas das irmãs Lispector, referem-se ao tratamento inóspito dos parentes que as receberam, aos trabalhos árduos a que o pai teve de submeter-se, à perda da mãe por falecimento e à solidão irrecuperável de Lizza. A saga da família constitui um emblema dos caminhos, pessoais e coletivos, seguidos pelos imigrantes no Brasil: andarilhos pobres, rejeitados e perseguidos pelos habitantes das terras onde nasceram, foram-se pelo mundo, acompanhados pelos fantasmas do passado, que os impedia de completamente absorver o presente. Ilustrando a solidão íntima e social da personagem Lizza, o quadro desenvolvido com a menina na escola é autoexplicativo:

Nos recreios, a sensação de mal-estar aumentava ainda mais.

—Diga cadeado, diga. As crianças cercavam-na e a apoquentavam, com maldade.

—Ca-de-a-do, repetia, pondo acento em cada sílaba, com medo de errar. A meninada ria, pulava em torno, uma puxando-lhe a saia, outra o cabelo mal tratado. ... Então as crianças cansavam-se desse brinquedo e abandonavam-na no meio do pátio, como uma coisa inútil. Lizza ficava sozinha, a um canto ... a alegria ruidosa das outras não a contagiava, mesmo quando se mostravam benévolas e condescendentes para com ela, a imigrante (*No Exílio* 102).

O tema da imigração inserido na técnica memorialista-ficcional encontra-se representado também nos trabalhos de Sara Riwka Erlich. Nascida e criada em Recife, Pernambuco, Sara Riwka, à altura dessa escrita ainda atuante na profissão médica-psiquiatra, dedicou-se a registrar, em crônicas e contos, sua formação familiar, para onde confluíram a cultura pernambucana e a tradição judaica. Sua obra *No tempo das acácias*, em edições em português e inglês, retrata os pontos de junção das duas dimensões do seu processo de crescimento, que resultou numa personalidade pluralista, judaica e brasileira, como transmitida na sua escrita.

Seus pais atravessaram o Atlântico e, com a bagagem de imigrantes, trouxeram o legado judaico-europeu que permeou a criação literária da escritora. Segundo sua prosa memorialista, a infância de Sara Riwka foi embalada por acalantos europeus e pernambucanos. Mais ainda, o catolicismo popular, a cozinha pernambucana e a música brasileira mesclavam-se com as tradições, a mesa e as canções judaicas. O ambiente doméstico incorporava os dois lados do Atlântico, por representações factuais, em flagrantes pictóricos:

O samovar grande e amarelo, polido e brilhante, do bisavô e que “esquentava sozinho”. O samovar no quintal, no chão, o querosene, o carvão em brasa, a água, o chá preto ... E o arenque em fatias, a batata, o pão preto e a manteiga feita de gordura de galinha derretida ... ao lado do feijão com arroz, da carne de xarque e do bacalhau, do cuscus com leite de coco, da tapioca, angu ... o *borsht*, *tsimes* de cenoura, o patê de fígado ... *kreplach*, pepino em conserva, *blintz* de queijo, o ‘glorioso’ *guefilte fish*, *kuguel* e a ‘abençoada’ feijoada, a sopa de feijão, a carne-de-sol, a macacheira, a farofa matuta, o picadinho de carne com verdura, lombo assado ... (*No tempo* 47, 48).

A amalgamação cultural teve continuidade na fase adulta da autora, conectada a experiências fora do Brasil. Seu interesse por Israel a levaram a cruzar o Atlântico em direção oposta àquela anteriormente tomada por seus pais. Ao reestabelecer sua identidade judaica em Israel, ela levou consigo sua formação pernambucana: “Percorrendo as tuas ruas, Jerusalém, atravessando os teus portões, sentia e compreendia melhor o Recife sobre o qual já te havia escrito antes” (77). É evidente a permuta de valores culturais nas transmigrações generacionais, como colocadas por Erlich. Da Europa para o Brasil, desse país para Israel, Erlich invoca uma condição judaica milenar, a de transferir-se de um lugar para outro sem prejuízo das suas percepções afetivas e cognitivas, visto seu olhar para o passado se ter enriquecido para sentir e compreender melhor sua própria cidade natal. Os vetores do passado integram-se ao presente, identificando Pernambuco e Israel, Recife e Jerusalém, Europa e Brasil —áreas geográficas que confluem afetivamente na narrativa, criando um espaço isento de barreiras políticas, ilimitado geograficamente e idealmente paradisíaco.

Os imigrantes, no cerne da primeira fase temática literária judaica, serão também o tema inaugural na escrita de Samuel Rawet, nascido na Polônia em 1929 e transferido para o Brasil, pela família, em 1936; faleceu em Brasília, em 1984. Reconhecido como um escritor-filósofo, sua obra globaliza o pensamento de um homem profundamente preocupado com a ontologia. Sua trajetória literária, iniciando-se com o livro *Contos do Imigrante*, representa uma fase da carreira do escritor que não teria seqüência como itinerário judaico. O mecanismo de afastamento de Rawet de um tema que espelhava seus próprios deslocamentos geográficos, psicológicos e emocionais não ficou esclarecido a contento. Sabe-se que ele, em certa faixa de idade e de carreira, decidiu atacar seus correligionários em corrosivas alusões aos judeus pela imprensa, nos mesmos padrões que qualquer anti-semite faria, como na seleção: “... minha declaração pública, a quem interessar possa, de meu desvinculamento completo e total de qualquer aspecto relacionado com a palavra judeu, familiar ou não. Não, não sou anti-semite, porque semitismo não significa necessariamente judaísmo, sou *anti-judeu* [sic], o que é bem diferente ...” (Rawet, “Kafka” 22).

No entanto, *Contos do Imigrante* marca notavelmente sua colaboração literária à temática judaica, dado o pioneirismo do seu interesse e o perfeccionismo de sua escrita, coerente com os altos padrões da estética literária.

Dentre as narrativas inseridas nesse volume, o conto “O profeta” é emblemático no sentido de transmitir a sensação de deslocamento físico, espiritual e emocional de um velho sobrevivente do Holocausto, que buscava um retorno à vida convencional. Tarefa impossível, não só porque o homem não encontrou no mundo os parâmetros que guiaram sua vida antes da Guerra, como também se viu espiritualmente num fosso, elegante e bem mobiliado como o era o apartamento do irmão no Rio de Janeiro, que ficara isento das experiências vividas pelo protagonista. A narrativa transcorre em ritmo lento, acompanhando a vagarosa tentativa de imersão do “profeta” no mundo exótico, se não absurdo, habitado por seu irmão e outros parentes. Sua textura rítmica coaduna-se com o jogo de *chiaroscuro* que impregna o binômio vivido pelos personagens, jogados frente à frente pelo destino: ao escuro das lembranças de guerra e introspecção do velho egresso, contrapõe-se a luz tropical de uma metrópole moderna, na América do Sul, e a vulgaridade de pessoas alheias ao sofrimento do homem.

Ao revelar o processo recôndito num homem recém-egresso do Holocausto, Rawet conciliou a temática judaica com uma perspectiva inovadora. O contista apresenta um novo conceito de imigrante, diferente do perfil usualmente trazido à superfície literária: enquanto esse se caracterizaria, em parte, por descrições de trabalhos coletivos e rotinas pessoais dos expatriados, Rawet descobre, no ‘profeta’ um outro tipo de judeu deslocado, aquele cuja identidade se revelaria por um apelido pejorativo, cujo lugar de origem seria intolerável para sua memória e que procurava seu lugar num mundo inexistente, mas fisicamente hostil e mesmo antagonico. O escritor criou um personagem que se fez simbólico como *persona* mutante: de imigrante a mero visitante, depois a um velho de força moral insuspeita. O personagem seria o projeto inacabado do próprio Rawet, de acordo com os dados referentes à sua trajetória pessoal, que ele não se inibiu em transpor à superfície literária, através de personagens humilhados, infelizes, solitários e incompreendidos.

A evolução da literatura judaica brasileira gradualmente evolue do tema *imigrante* e da técnica *memorialista* para penetrar em áreas mais amplas. Alberto Dines, em seu livro de contos *Posso?*, mostra aspectos de uma articulação transcultural, envolvendo judeus e cristãos. A narrativa que leva o título da obra descobre um viajante em Roma, judeu e solitário na noite de Natal, que trava um relacionamento inusitado com cristãos, numa igreja, comemorando aquela data. O protagonista cria um quadro inédito para as circunstâncias: a atmosfera de júbilo é compartilhada por ele e seus companheiros na missa, trocando-se bons augúrios em italiano e em hebraico, contra um fundo musical efetuado pelo coral cristão que executa canções tradicionais judaicas. O sonho se suspende no limiar da realidade, prevalecendo a atmosfera surrealista delimitada pelo protagonista desperto. Como idealizador de uma situação transcultural e ecumênica, Dines atravessa áreas sensíveis e consideradas intransponíveis não há muito tempo atrás. A escrita ideológica desse conto, que se traduz por alusões e um jogo de efeitos surrealistas, cria a sugestão de intercâmbio, diálogo e convivência judaico-cristã, esquivando-se habilmente o autor, da sedução panfletária ou de inclinações sectárias.

Outras manifestações literárias judaicas brasileiras que ampliam a gama temática referem-se a memórias do Holocausto reveladas por testemunhos e a criações ficcionais relacionadas com aquele período. No campo das lembranças dos sobreviventes, aplica-se o mesmo juízo de valor aplicado aos escritores despojados de ambições literárias que versaram o tema da imigração. As vítimas sobreviventes dos nazistas, ambientadas no Brasil, limitaram-se, com poucas exceções, a publicar apenas um livro, que se tornou uma espécie de catarse para liberar sua memória das lucubrações soturnas de um passado não longínquo. Entre elas encontra-se Ben Abraham, o mais prolífico e, portanto, a exceção entre os memorialistas do Holocausto. Entre suas obras referentes àquele período, contam-se trabalhos orientados por uma finalidade didática, que esclarecem algumas situações relacionadas à Segunda Guerra Mundial como trâmites políticos que foram fatais para os judeus sob domínio alemão. Suas obras, mais de cunho histórico do que ficcional, envolvem elaboração que pode estar aquém de uma formulação artística, mas preenchem o quesito de sua especificidade informativa.

Como essa, outras obras fazem referências cronológicas aos acontecimentos que perturbaram diretamente os memorialistas, como a narrativa em primeira pessoa de Konrad Charnatz (*Quero viver*), traduzida do ídiche por Ana Lifschitz, de Joseph Nichthausen

(*Pesadelos*) e de I. Podhoretz (*Memorias do*). As urdiduras dramáticas das lembranças dessas testemunhas são semelhantes umas às outras, dado o escopo homogeneizante da máquina militar nazista quanto a trabalhos escravos, torturas e assassinatos. As referências aos campos de concentração, de trabalho e de extermínio são também lugubramente similares, daí o caráter coincidente de muitas das descrições que se encontram nas obras desses escritores improvisados. As diversificações referem-se aos choques e reações individuais aos sofrimentos vividos e à carga das lembranças de cada um dos memorialistas, mas coincidem quanto ao peso da culpa de ser sobrevivente. O efeito catártico de algumas das peças narrativas terá sido o motivo principal da escrita, mas para a literatura brasileira seu valor transcende o efeito purificador e individual do escritor.

A temática do Holocausto abre um campo novo nas letras do Brasil, seja através do relato testemunhal, seja através da fabulação ficcional sobre o assunto. Aqueles que não foram vítimas diretas dos nazistas, mas que acompanharam os nefastos acontecimentos a oeste do oceano Atlântico, ora recriaram o cenário mortífero dos campos ou relataram a atmosfera angustiada de parentes estabelecidos no Brasil. Entre os primeiros, encontram-se Roney Cytrynowicz, historiador, cujo livro de contos *A vida secreta dos relógios e outras histórias* envolve fatos não testemunhados por ele, e Jacó Guinsburg, cujo conto “O retrato” revela as preocupações de familiares estabelecidos no Brasil, de um rapaz adolescente, presa dos nazistas na longínqua Romênia. Tanto Cytrynowicz quanto Guinsburg não foram vítimas diretas do nazismo no sentido de terem fisicamente sofrido a garra de Hitler. As distâncias geográfica e temporal, no entanto, não foram empecilho para sua imaginação criativa. Do livro de Cytrynowicz, o conto “Barracão II” refere-se a uma cobrança de dívida com o passado, desde quando um nazista exercitou, o que ele identificava como experiências médicas, num irmão gêmeo do sobrevivente. Num encontro fortuito, esse viu uma oportunidade de vingança pela morte do irmão. A narrativa é construída por sentenças breves, como delicadas chamadas a uma região tenebrosa, talvez repercutindo a sensação de não querer aprofundar-se nem despertar, ao mesmo tempo que quer revelar, um pesadelo.

O conto de Jacó Guinsburg está temporalmente mais próximo do término da Segunda Guerra pois, publicado em 1946, as notícias sobre o sacrifício judaico encontravam-se vivamente incrustadas nos testemunhos dos sobreviventes. O autor, reconhecido editor e professor universitário, utilizou recursos surrealistas para evocar a desintegração física do povo judeu, acompanhando-a através de repetidos jogo de olhares para a superfície de um retrato. Abre-se um caminho de progressiva tensão entre o jovem brasileiro em cuja casa se encontra o retrato, os acontecimentos que precipitavam o fim da Guerra e o destino fatal do retratado. A deterioração gradual da foto termina com sua superfície mostrando apenas um “esboço esfumado de um rosto de adolescente” (Guinsburg 6), numa evidente alusão ao fim dos judeus que só se apartaram do sofrimento como fumaça de forno crematório.

O Holocausto e suas seqüelas serviram como motivo condutor para um número restrito de escritores ou memorialistas pois, como tema, limita-se ao número de testemunhos sobreviventes que se deslocaram para o Brasil e relataram o que viram e viveram. O cultivo deste tópico constitui uma baliza a mais no desenvolvimento da escrita judaica no Brasil, embora seja um assunto estranho à cultura brasileira. Assim sendo, tem pouca ou quase nenhuma reverberação literária, ao contrário do tratamento do tema do imigrante, também cultivado por escritores brasileiros como o emblemático Antonio de Alcântara Machado,

autor de *Brás, Bexiga e Barra-funda* (1927), entre muitos outros, em diversas regiões brasileiras.

A fase pós-imigratória na literatura judaica brasileira está em processo de desenvolvimento, depois daquela em que se manifestaram pessoas que deixaram poucos livros, mas importantes por seu valor documental múltiplo. A nova fase, que se diria iniciada aproximadamente na década de 90, manifesta-se através de escritores que se mostram com uma mentalidade profissionalizante e esteticamente perfeccionista. Isto não constitui, por si, uma vereda definidora da fase pós-imigratória da criatividade judaica brasileira. No entanto, pode ser vista como um dos caminhos que começaram a ser explorados por uma geração nascida, escolarizada e criada no Brasil. No que se refere às esferas das letras, esta geração se distingue da anterior, entre outros traços qualificantes, por suas intenções de integrar-se na comunidade literária do país.

É evidente a amplitude e a diversificação de tópicos e técnicas sendo abarcados pelos novos escritores: Esther Largman, autora de *Jovens Polacas* (1993), que revolve as cinzas da história do meretrício judaico organizado, vigente entre o princípio do século XX e findando-se no limiar da Segunda Guerra Mundial; Bernardo Ajzenberg, autor de *Goldstein & Camargo* (1994), revelando uma intriga envolvendo processos criminalistas e uma sociedade entre dois advogados, um deles judeu; Samuel Reibscheid, que retorna ao tema do Holocausto, não como testemunho, mas como ficcionista, com a distinção de trabalhar o tópico desde uma perspectiva lingüística, no seu livro de contos *Breve Fantasia* (1995); Cintia Moscovich, autora de *Duas Iguais, Manual de Amores e Equívocos Assemelhados* (1998), narradora ficcional de uma relação afetivo-sexual entre duas moças, sendo uma delas judia; Boris Fausto, autor de memórias sobre a imigração sefardita, *Ócios e Negócios* (1997), indicando um apego ao estágio imigratório da literatura judaica contemporânea, mas também pioneirismo em relação à história desse grupo de pouca representação literária.

Como síntese da literatura judaica em andamento no Brasil, esse estudo registra, como fase inicial, a escrita sobre a imigração e, como fase atual ou pós-imigratória, uma escrita diversificada, aberta para várias direções. Na primeira, embora os tópicos tivessem sido bastante similares, o tratamento dado por cada um dos narradores diferiu tanto quanto o grau de sua sensibilidade pessoal se manifestou, sua memória se liberou e seus pendores literários permitiram. Na segunda e corrente fase, os novos escritores judeus se caracterizam por estarem radicados na vida brasileira desde seus anos formativos e, inseridos na problemática judaica, a considerarem de uma perspectiva distinta da dos seus antepassados imigrantes. Daí ser passível de perceber-se, na sua trama textual, os fios tradicionais da cultura judaica de permeio a uma brasilidade comum a todos os escritores que se preocupam com estética literária, originalidade temática e as possibilidades narrativas da língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- Alexandr, Frida. *Filipson*. Prefácio de Carlos Rizzini. São Paulo: Editora Fulgor, 1967.
- Avni, Haim. “Capítulo Segundo: 1880-1896, 2. La obra del Barón de Hirsch”, in *Argentina y la Historia de la Inmigración Judía, 1810-1950*. Jerusalén/Buenos Aires: Editorial Universitária Magnes/AMIA, 1983, 136.
- Carneiro, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas, fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- Charmatz, Konrad. *Pesadelos, Como é que eu escapei dos fornos de Auschwitz e Dachau (Memórias)*. São Paulo: Editora Novo Momento, 1976.
- Cytrynowicz, Roney. *A vida secreta dos relógios e outras histórias*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- Dines, Alberto. *Posso?* Rio de Janeiro/Brasília: Editora Sabiá e Ministério de Educação e Cultura, 1972.
- Erlich, Sara Riwka. *No Tempo das Acácias*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978. [Edição norte-americana: *The Time of the Acacias, On the Way to Schechinah*. Nova York: Vantage Press, 1983].
- Fausto, Bóris. *Negócios e Ócios, Histórias de Imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.
- Gotlib, Nádia Battella. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- Guinsburg, Jacó. “O retrato”, in *O Reflexo – Revista Juvenil*. São Paulo, 1948.
- Igel, Regina. “Jewish Component in Brazilian Literature: Moacyr Scliar”. *Folio, Essays in Foreign Languages and Literatures, Latin American Jewish Writers*. Judith M. Schneider, org. New York: State University of New York, 17, September 1987. 111-118.
- Iolovitch, Marcos. *Numa clara manhã de abril, Romance*. Porto Alegre: Ofic. da Livraria Globo, 1940; *Numa clara manhã de abril*, Prefácio de Moacyr Scliar. Edição revista. Porto Alegre: Editora Movimento e Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1987, página sem numeração.
- Lispector, Elisa. *No Exílio*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1948. 2ª. ed., revista pela autora: Brasília: Editora Ebrasa, 1971.
- Machado, Antonio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra-funda, notícias de São Paulo*. São Paulo: Editorial Helios Limitada, 1927. (Edições subsequentes.)
- Mello, José Antonio Gonsalves de. *Gente da Nação: Cristãos-novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massagana, 1989.
- Moscovich, Cintia. *Duas Iguais, Manual de Amores e Equívocos Assemelhados*. Porto Alegre: L Et PM. 1998.
- Nichthaus, Joseph. *Quero viver... memórias de um ex-morto*. São Paulo: Edições Riela, 1972.
- Norman, Theodore. *An Outstretched Arm, a History of the Jewish Colonization Association*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1985.
- Podhoretz, Isaac. *Memórias do inferno*. São Paulo: edição do autor, sem data.
- Ricupero, Rubens. “Prefácio”, in Regina Igel, *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros (O componente judaico na literatura brasileira)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

- Schneider, Judith M., org. *Folio, Essays in Foreign Languages and Literatures, Latin American Jewish Writers*. New York: State University of New York, 17, September 1987.
- Rawet, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1956.
- Reibschid, Samuel. *Breve Fantasia*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1995.
- Scliar, Moacyr. *A Guerra no Bom Fim*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972; _____ *O centauro no jardim*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- Voloch, Adão. *Um gaúcho a pé*. Rio de Janeiro: Novos Rumos, 1967; “*O colono Judeu-Açu*”, *Romance da Colônia Quatro Irmãos – Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora Novos Rumos (circa 1984).